

Palestra do Guia Pathwork® nº 232  
Palestra Não Editada.  
4 de junho de 1975

## VALORES EXISTENCIAIS VERSUS VALORES APARENTES – AUTOIDENTIFICAÇÃO

Saudações e bênçãos divinas para todos vocês, queridíssimos amigos. Que esta última conferência deste ano de trabalho possa ajudá-los a continuar com a série do próximo ano e ao mesmo tempo fazer uma síntese do caminho interior em um nível muito profundo. O crescimento e a mudança que ocorreram e continuam a ocorrer com tantos de vocês aquecem o coração e são uma visão das mais alegres. Vocês cresceram mais, muito mais, meus queridos amigos, do que podem imaginar, porque vocês estão no meio do processo. Uma parte maior de vocês passa a funcionar em um novo patamar, no qual as velhas atitudes de tomar, querer, exigir e não doar se transformam em uma atitude de amor, doação, devoção e sinceridade. E este é o verdadeiro segredo, o segredo da felicidade e da abundância. Não existe outro segredo. Mas falar sobre isso em um nível superficial a alguém que ainda nem está ciente de sua atitude de não doação não tem sentido. Este segredo só passa a ter significado depois que se percorre todos os níveis do eu inferior, para reconhecê-los. Nesta palestra, quero mostrar a vocês em um nível ainda mais profundo como isto se relaciona aos problemas de valores e autoidentificação.

Existem basicamente dois sistemas de valores pelos quais um ser humano é regido, e com os quais ele opera. Um é o valor Existencial e o outro é o valor de aparência. Até agora falamos sobre eles de uma maneira mais rápida e superficial. No entanto, tentarei mostrar nesta palestra as ramificações destes dois sistemas de valores. A maioria dos seres humanos opera no nível dos valores de aparência. Eu diria que somente os mais evoluídos, que já passaram por um longo caminho de autopurificação e transformação, atuam de acordo com valores reais—pela coisa em si, e não em função da aparência aos olhos dos outros. Aqui também, como em tantas outras áreas, não é uma questão de ou/ou; existem graus. Uma pessoa pode atuar em algumas áreas de sua vida com valores verdadeiros e em outras áreas estar presa à importância das aparências. E somente gradualmente, no curso do trabalho do caminho, os valores verdadeiros passam a ocupar mais e mais o espaço antes dominado pelos valores de aparência.

Primeiramente, antes desse longo caminho ser empreendido, e por algum tempo depois, o ser humano atua na maioria das áreas em função dos valores da aparência. Agora vejamos a diferença.

Os valores de aparência sempre visam a impressão causada nos outros. Eles podem se manifestar de forma mais grosseira; é o caso de quem visa a aprovação dos outros, e trai a sua verdade para impressionar ou fazer com que os outros o tenham na mais alta conta. Isso pode ser bem óbvio e patente, mas também pode ser sutil e dissimulado, e não tão fácil de se detectar. O foco interior é

sutilmente atrelado, em muitas atividades, desejos e direções, a expectativas secretas, escondidas e semiconscientes e a preocupações sobre “o que vão pensar de mim”. O medo de que os outros tenham reações negativas causa uma imensa ansiedade. Assim, o sistema de valores de aparência é traiçoeiro e venenoso. É muito mais perigoso do que pode aparentar, meus amigos. Porque ele realmente separa a pessoa da sua realidade interior, de seu eu superior, da verdade da situação e da sinceridade do seu envolvimento e investimento. Nem é preciso chamar a atenção para o grande número de resultados futuros, na maioria danosos, que isso pode causar.

Se vocês começarem a se observar desse ponto de vista, descobrirão muitas áreas que, a princípio, aparecerão de forma muito tênue no seu campo de visão. Mas quando vocês se tornarem mais consciente delas, quando se sintonizarem nelas, verão que elas não são tão tênues e que o sistema de valores de aparência, comparado com o sistema da Existência, faz toda a diferença do mundo. Os valores de aparência, por mais fortes e aparentemente amorosos e criativos que sejam o esforço e a meta, sempre conotam insinceridade. Porque essa ação visa um efeito: ou diretamente, através da atividade, ou com o objetivo de conseguir poder e dinheiro pelo simples desejo de provar seus valores. Quando vocês atuam com os valores de Existência, isso significa que vocês fazem o que fazem pela coisa em si, pelo bem da verdade da área particular em questão, pelo bem da Existência. Isso pode simplesmente significar fazer o melhor que vocês podem, sem se importar com as opiniões dos outros, mas de maneira que a atividade cumpra seu objetivo intrínseco. Ou pode significar que aquele ato ou esforço são uma oferenda a Deus, uma contribuição de amor, beleza, boa vontade, conforto, alguma coisa construtiva para o mundo, para outra pessoa – também sem se importar com a opinião dos outros, ou mesmo sem que eles percebam o esforço e o efeito. Não faz diferença se se trata de uma importante contribuição humanitária, uma obra de arte, um projeto científico, ou a menor, a mais insignificante tarefa diária. No final das contas, o importante é fazer cada atividade diária no espírito de existência, não da aparência.

Quando vocês agem, trabalham e obtêm resultados – nas grandes e pequenas questões – pelo simples motivo do que o ato em si representa, ao invés de usá-lo como um substituto do senso de autovalor, o resultado é sempre um ato de amor, sinceridade espiritual, enriquecimento e doação. E o que vocês dão aos outros, estão dando a si mesmos. Não dar aos outros empobrece mais a vocês do que aos outros, e os faz incapazes de receber o que está à sua disposição.

Quando vocês atuam no nível da existência, ocorrem algumas mudanças básicas. Elas são subprodutos que talvez vocês nunca tenham relacionado com a origem, isto é, a integridade da sua motivação mais profunda. Vou dar um exemplo: quando vocês são atacados, julgados, criticados ou rejeitados, desde que estejam atuando com base no sistema de valores de aparência, vocês se sentirão totalmente arrasados. E como poderia ser diferente? Se vocês atrelam seu próprio valor e sua autoestima ao que aparentam aos olhos dos outros, se sentirão aniquilados quando os outros os vêem com maus olhos, por menos importante que seja a questão. Vocês sentem que perderam o chão interior, que não estão mais centrados em si mesmos. É claro que quem é regido pelos valores da aparência nunca esteve realmente centrado, mas as pessoas se iludem sobre este fato enquanto as críticas não chegam. Vocês parecem estar centrados quando recebem aprovação e admiração porque há uma gratificação momentânea, mas enquanto o valor vem de fora vocês não têm consciência da ansiedade que os consome, mesmo nesses momentos favoráveis. Porque é preciso se preocupar constantemente com a capacidade de manter este estado não-centrado cujo valor vem de fora. Não há controle real sobre o senso de autovalor.

Por outro lado, atuar com base nos valores de existência dá maior segurança interior. Isso não quer dizer que julgamentos hostis, injustiças e a intenção de desvalorizar não vão machucar. Mas existe um mundo de diferença entre este tipo de mágoa, que nunca poderá abalar a sua estrutura, e a mágoa que consegue abalar a estrutura. Se vocês operarem com base nos valores de aparência, sua estrutura balança e até parece desmoronar quando a aparência é negativa. Isso não acontece quando vocês atuam com base na segurança profunda da existência. Diante da sua total integridade e conhecimento das reais motivações nos níveis mais recônditos, da autenticidade da doação, da sinceridade do investimento, da busca do objetivo por si – sem segundas intenções, sem motivações ocultas – nesse caso, a segurança no seu próprio valor vai estar tão enraizada na realidade que, não importa como vocês estejam sendo julgados e o quanto isso possa magoá-los, vocês sentem a verdade inabalável da sua essência. Nessas circunstâncias, o senso do próprio valor não depende da opinião dos outros, do fato de eles conhecerem seus pontos fortes e ignorarem seus pontos fracos. Isso cria uma centralização, uma segurança, uma consciência de seus valores eternos que não pode ser traduzida em palavras.

Outra ramificação concernente a este tópico é o problema da identidade. Quem atua com base em valores de aparência não tem identidade. Essa pessoa reivindica sua própria identidade em função da opinião dos outros, da forma como aparece aos olhos delas. Assim, quando ela é elogiada ou respeitada, experimenta uma sensação momentânea e intensa de gratificação e autoconfirmação, e talvez até uma alegria temporária, mas essas sensações não estão assentadas em solo firme. Quando a admiração e a aprovação são omitidas ou talvez até transformadas em seu contrário, o chão balança e a pessoa se sente perdida, deixa de sentir sua própria identidade. O falso senso de identidade foi esmagado e o real ainda não foi estabelecido.

Enquanto dominam os valores de aparência, por dentro a autoestima é constantemente corroída, porque lá no fundo vocês sabem que não são autênticos quando investem tanto no nível da aparência. Vocês não conseguem conectar-se com a identidade do eu superior. Pois vocês sabem que apenas aparentam doar, agindo com segundas intenções, em função de alguma coisa que querem obter por orgulho ou vaidade; bem no fundo, vocês duvidam de si próprios. Assim, quando despertam nos outros reações de dúvida, desconfiança ou crítica, sob qualquer aspecto, exteriormente vocês podem se mostrar muito indignados e muito defensivos, discutindo esse ou aquele ponto. Mas por dentro vocês não conseguem encontrar seu próprio centro, pois duvidam da integridade da sua maneira geral de atuação. Talvez vocês não careçam de integridade naquela questão específica, mas não têm nenhum senso da verdadeira identidade e do verdadeiro valor, pois vocês traem o verdadeiro sistema de valores – e assim, o conhecimento da identidade real – no momento em que adotam os valores da aparência.

Outro aspecto dessas duas possibilidades de sistemas de valores, que constitui uma atitude geral e constante em relação a vocês mesmos e em relação à vida, é a capacidade de perceber a verdade nos outros. Esse é um aspecto muito profundo e importante dessa questão. Procurem ir além das simples palavras que, de uma forma ou de outra, vocês me ouviram dizer anteriormente. Quando, na sua forma de doar e de atuar vocês operam com um espírito de profundo e sincero compromisso, todos os seus atos representam um investimento irrestrito das suas melhores faculdades. Mas quando esse espírito está ausente e os valores da aparência dominam, vocês não têm como saber se estão certos ou errados; se os outros estão certos ou errados; até que ponto vocês estão certos ou errados, ou os outros estão certos ou errados; em que área particular vocês estão certos e o outro está errado; em que área em especial vocês estão errados e o outro está certo. Todas essas são per-

guntas que atormentam vocês, embora talvez consigam recusar a consciência delas, pois, infelizmente, vocês conseguem negar a si mesmos a consciência de que os valores da aparência sabotam a integridade de cada um. Essas negativas são a verdadeira causa da confusão e criam uma névoa que envolve essas questões e perguntas, quando vocês precisam de clareza para saberem quem são. Assim, vocês se debatem, vocês procedem por tentativa e erro, mas não de um modo saudável; vocês estão realmente confusos, perturbados, e a luta é dolorosa porque mascara a falta de segurança interior que só pode resultar da profunda sinceridade de compromisso e doação. Essa falta de doação e compromisso consome as entranhas psíquicas, por assim dizer. Deixa vocês em dúvida sobre tudo o que fazem sobre tudo o que pensam.

Talvez vocês acabem exibindo uma segurança frágil e artificial que não está assentada na autoestima sólida e profunda. A procura por tentativa e erro que é saudável, que é necessária, que é o caminho para a segurança, assume uma forma muito diferente. Dá uma sensação diferente. Não precisa ser encoberta. É uma luta bonita, que leva ao crescimento. Aqui só posso falar de sutilezas e insinuar a diferença na experiência pessoal, pois as palavras não conseguem transmitir a enorme diferença que existe entre a mágoa por ser julgado injustamente – e que não leva à perda do ser – e a mágoa que destrói. Ou a diferença entre a luta do verdadeiro crescimento e busca, e a falsa luta que mascara os aspectos ocultos, falta de identidade e falta de segurança em relação aos valores.

Quando vocês decidem, muitas e repetidas vezes, todos os dias e todas as horas, em todas as atividades, dar verdadeiramente o melhor de si mesmos, sejam ou não admirados por isso, sejam ou não reconhecidos, mas em nome da pura sinceridade, autenticidade, beleza e amor de Deus, amor por si mesmos, amor pela vida, então, pouco a pouco, quase como se fosse um subproduto, surge um conhecimento profundo, interior, seguro e intuitivo sobre as questões e os assuntos que antes eram motivo de incerteza, que levavam à defesa da incerteza, ao tateio no escuro do eterno ou isso ou aquilo, da eterna dualidade. Mesmo que o intelecto já tenha alcançado o sistema da união e saiba em teoria que não se trata de um contra o outro, é apenas uma teoria. Isso é tão diferente da experiência de clareza que vocês têm ao se sentirem ligados e identificados com o seu centro mais íntimo; aquela certeza intuitiva do que é o quê. Uma certeza sobre vocês mesmos, sobre os outros, sobre a vida. É um conhecimento íntimo e descontraído, uma profunda paz e clareza que ninguém pode tirar de vocês. Não contém defensividade alguma e é o resultado unicamente da verdadeira autoestima, assentada na própria sinceridade da doação e do compromisso. nos valores existenciais sobre os quais estamos falando. Que ilusão é esperar ter autoestima e segurança com base em qualquer coisa que não seja a verdade interior da verdadeira doação pela própria doação!

Mais um aspecto desses dois sistemas de valores é saber o que vocês querem de fato. Se vocês não conhecerem o seu eu superior, se estiverem desligados dele e não conseguirem se identificar com ele, se toda a energia de vocês estiver canalizada para os valores da aparência e, assim, vocês não tiverem um centro, como seria possível saber o que vocês querem? Tudo é colorido e determinado pelos valores da aparência. Se a aparência aos olhos dos outros tiver prioridade sobre o que vocês querem, talvez vocês nem se permitam saber o que querem. Porque se o que vocês querem é capaz de diminuir o respeito e a estima aos olhos dos outros, pode parecer preferível, para vocês, se convencerem a querer o que vocês deveriam querer, ou seja, o que vocês acham que granjearia elogios e admiração. Assim, quando a base são os valores da aparência, vocês fazem um grande investimento interior para não ter o que vocês desejam, o que pode ser o seu destino, o que é o seu verdadeiro potencial, a sua verdadeira realização, o seu verdadeiro anseio. Vocês se adaptam aos valores da aparência que tomaram emprestado para usar como seu próprio sistema. E, naturalmente, exis-

tem muitos sistemas de aparência, enquanto só existe um valor de existência no que diz respeito ao eu superior. Sendo individual como é, com todas as infinitas variedades de autoexpressão de todos os eus superiores, o valor existencial jamais pode interferir no sistema de valor do eu superior de outra pessoa. Nunca pode haver um conflito entre os valores existenciais de uma pessoa e os valores existenciais de outra. Quando surge um conflito, pelo menos uma delas está presa ao nível da aparência, possivelmente sem o saber. Apenas o profundo autoexame pode dar a resposta. Mas as expressões variam constantemente e de muitas formas, de muitas e maravilhosas formas!

Ao contrário, os valores da aparência interferem um no outro, e são ao mesmo tempo duros, rígidos, uniformes na conformidade e na monotonia. Por mais individualistas que possam parecer, eles carecem da flexibilidade e do sopro vital que somente os valores existenciais podem ter.

Se vocês não ousarem saber o que realmente desejam e quais são seus anseios, sofrerão por falta de realização, pois os falsos objetivos dos valores da aparência jamais poderão satisfazê-los. Vocês perseguem constantemente alguma coisa que fica sempre aquém das expectativas. Talvez mais insidioso e doloroso ainda seja o próprio fato de vocês não saberem o que de fato querem. Durante algum tempo, é possível que consigam ocultar esse fato de si mesmos, tentando fervorosamente criar desejos e metas imaginários e agindo como se acreditassem neles. No entanto, mais cedo ou mais tarde vocês constatarem que estão confusos também sobre os seus desejos, anseios e metas. E evidentemente isso só vem piorar a falta de identidade, de não saber quem são, e o desespero que isso traz.

Os valores da aparência sempre, enquanto forem adotados, apartam vocês dos verdadeiros desejos, do conhecimento do que vocês são, de sua essência – na expressão, no rumo, na autoexpressão, nos talentos, nas preferências, nas opiniões, na filosofia, nos verdadeiros sentimentos, no estilo de vida, nas potencialidades a desenvolver, nas tendências gerais de vida, bem como nas pequenas decisões do dia-a-dia. As decisões sobre o que fazer o que não fazer, sobre as questões mais corriqueiras, bem como sobre o rumo geral de vida, são sempre determinadas pela base de operação – os valores da vida ou os valores da existência.

Assim, vocês nunca sabem de fato o que realmente são e o que realmente querem, enquanto são regidos e poluídos pelos valores da aparência. Vocês tomam emprestado um desejo imaginado que se encaixa no sistema de valores de aparência que adotaram. E quando chegam ao fim, naturalmente, estão vazios. Não é de espantar que seja uma decepção, mesmo que vocês tenham êxito, com um tremendo dispêndio de energia. Esse enorme esforço só é necessário porque o seu sistema de energia funciona em oposição ao verdadeiro eu superior, à realidade, ao que vocês realmente são. Assim, surge o desespero e a noção de futilidade e desesperança com a vida. Vocês pensam: “Fiz tudo isso, investi tanto, tentei com tanto empenho, me esforcei tanto para conseguir isso e aquilo. Estou insatisfeito, estou vazio, não sei nem mesmo quem sou de verdade, para que serve tudo isso?” Isso acontece independentemente de a pessoa “ter êxito” nas falsas metas do sistema de valores da aparência. A maioria dos seres humanos tem muita consciência desses pensamentos e sentimentos ocasionais, mas não sabe por que os tem.

Por outro lado, a atuação com base nos valores da existência gera uma situação muito diferente. Desde que não tenham medo de descobrir o seu desejo, o seu rumo, a sua expressão, a despeito de os outros aprovarem e aplaudirem ou não as escolhas feitas, vocês podem se dar ao luxo de desconstrair internamente e liberar o seu verdadeiro ser, com suas expressões e desejos. E assim vo-

cês descobrirão o que de fato querem. Que enorme riqueza é saber o que se deseja! Como esse fenômeno é raro no mundo de vocês! Como precisa ser árdua a luta da autopurificação para chegar a esse fato abençoado - encontrar o tesouro do conhecimento do que realmente se quer. Não é algo assim tão fácil de encontrar. Vocês precisam eliminar, e antes de eliminar precisam detectar, a repressão do verdadeiro eu e da verdadeira expressão, que acontece quando colocam o que pensam que deveriam querer para serem o que deveriam ser no lugar do que vocês realmente querem e realmente são.

Quando vocês atuam com base nos valores da aparência, não conseguem confiar nas suas percepções e desejos. E, de fato, eles não são dignos de confiança. Muitas e muitas vezes as percepções e os desejos são maculados pela falsidade do sistema de valores da aparência com o qual vocês vivem e que os desorienta. Assim, vocês colocam continuamente em dúvida o que percebem e desejam. Alguma coisa pode ser desejável e vocês nem sabem: “é certo, é bom, sou eu? Será que estou errado em querer isso? Está além das minhas capacidades?” Vocês derrapam, não sabem, a coesão foi embora.

Por outro lado, quando vocês têm uma intenção profunda, sincera, autêntica de dar o melhor em todas as atividades, em tudo que fazem, quando a sua integridade é a garantia de que não existem motivações ocultas, mas praticam a doação pela doação (que é sempre a doação por Deus), nessa situação vocês sentem, mais cedo ou mais tarde, esse incrível milagre: o desejo do seu coração é a vontade de Deus. A princípio, de acordo com os velhos padrões habituais, naturalmente, vocês não vão acreditar que o seu desejo é bom e certo. Mesmo depois que já estiverem atuando com base nos valores da existência, persiste o costume de desconfiar dos desejos. Eles foram poluídos durante muito, muito tempo – séculos e séculos – e até quando já não existe necessidade alguma de desconfiar, vocês desconfiam. Vocês automaticamente supõem que o desejo deve ser errado. Vocês automaticamente supõem, em algum canto escondido da personalidade interior, que se alguém discordar de vocês, essa pessoa pode estar certa e vocês não são dignos de confiança. Mas quando começarem a constatar os efeitos dos valores da existência, vocês descobrirão esse milagre: o que pensavam ser obra de uma criancinha cobiçosa, que tem esses desejos agradáveis e proibidos, pode acabar se revelando, e de fato acabará se revelando, como a vontade de Deus. Mas quando vocês operam com base nos valores da aparência a vontade de Deus é de fato, ou deve pelo menos parecer ser eternamente contrária aos desejos de vocês. E muitas vezes é, porque o eu real não consegue ter prazer quando faz coisas que vocês realmente não desejam. Os desejos falsos, impostos de fora, não dão prazer verdadeiro nem são a vontade de Deus. Eles são ditados pelos valores da aparência. Esses desejos e a vontade de Deus são opostos. Às vezes os desejos parecem prazerosos, talvez por parecerem ser travessos e rebeldes, e assim contrários à vontade de Deus. Em outras ocasiões, podem até não ser contrários à vontade de Deus, porém vocês nunca saberão enquanto estiverem desconectados da verdade de cada um. E quem opera com base nos valores da aparência e não age com o verdadeiro espírito da doação, quer os outros percebam ou não, está desconectado da verdade.

Quero mencionar um último aspecto relativo a esse tema, que é uma prefiguração de grande parte do trabalho que faremos no próximo ano. É a criação, a recriação e a moldagem da vida e da substância da alma. Trata do poder da palavra. A Bíblia diz: “No início era o Verbo.” Isso tem um sentido muito profundo. O verbo – a palavra – é o primeiro impulso criativo. A palavra é a expressão de uma intenção, e a palavra dá forma à intenção. Depois da palavra vêm a ação, a ação criativa, o processo de acabamento. A palavra é o primeiro projeto. É o plano. A palavra tem um enorme poder, seja ela pronunciada em voz alta, dita em silêncio pela voz interior, afirmativa e decisiva. A

palavra é o cinzel, é o instrumento com o qual vocês moldam e dão forma à substância da alma que habita em vocês e na qual, ao mesmo tempo, vocês habitam. Ela os rodeia, e da mesma forma os penetra.

Assim, todo pensamento, toda intenção é um poderoso agente. Da singeleza de propósito, da atitude isenta de conflitos por trás da palavra enunciada vem o poder criativo. Agora talvez vocês possam ver com muita facilidade que, quando operam com base nos valores da aparência e, consequentemente, estão desconectados da verdade do verdadeiro ser, dos valores reais, da verdade de qualquer questão momentânea, da verdade dos seus desejos reais – desejos legítimos – vocês estão desconectados do conhecimento do seu Eu-Deus. Nesse caso, existem também necessariamente muitos planos conflitantes. A palavra de vocês – enunciada verbalmente ou em pensamento – não pode ter a força, o poder e a clareza de que precisa para criar. Existem tantos pensamentos, desejos, sentimentos e intenções em conflito que ocorre uma perpétua oscilação de ações que interferem umas nas outras, derrotam umas às outras e geram um curto circuito. Também existe muita agitação oriunda desses planos conflitantes, da incerteza e da confusão que também criam uma espécie de efeito iluminador no nível das energias, porém de uma forma destrutiva, que leva ao fracasso. Assim, a palavra não tem poder verdadeiro. O verdadeiro poder está na ausência de conflitos, na unicidade e na integridade do que é enunciado. Sentimentos, desejos, conceitos, percepções, conhecimento precisam formar uma única corrente de energia fundida, compatível, coesa. Aí, então, o poder da palavra é enorme. E não importa o que vocês criem, com a palavra como primeiro agente da criação, ela precisa assumir forma e feito.

Quando vocês encontrarem dificuldade no que criarem, olhem para a desordem nos vários níveis de pensamento e sentimento, para as contradições, e vejam como isso decorre do nível de aparência no qual vocês operam. Ao verem isso, vocês estão avançando um passo no caminho do compromisso com os valores da existência. Não apenas no sentido geral e filosófico, mas no sentido específico, em todos os atos da vida cotidiana que vocês praticarem, bem como no rumo geral da vida. E se vocês ainda não sabem qual é esse rumo geral, podem usar o sistema de valores da existência enquanto vocês tatearem, perguntarem e esperarem receptivamente a resposta. Isso também é seguir os valores da existência. Essa é a luta que produz vida e luz, ao invés de caos e confusão.

Também vamos tratar, no futuro, de outros aspectos do poder da palavra – a palavra que vocês dizem, a palavra que pensam, e a influência que vocês exercem com toda palavra, dita ou pensada. Porque vocês subestimam o poder que têm quando perdem a confiança em si ao operarem com os valores da aparência. Nessa situação, vocês pensam tão mal de si mesmos que nem podem avaliar o poder que têm as suas emanções, expressões e atitudes. Elas podem ferir, podem influenciar, podem prejudicar; mas também podem curar, podem ajudar e podem produzir vida.

Se vocês acham que não são nada, mesmo enquanto ainda estão no erro e na falta de integridade dos valores da aparência, vocês estão insultando uma manifestação intrinsecamente divina. Esta é mais uma prova de que vocês são unos com tudo que existe. Se vocês se insultarem por subestimarem a si mesmos e ao seu poder, necessariamente irão ferir, prejudicar e insultar os outros. É muito falso imaginar que quem pensa tão mal de si mesmo é humilde e bom. Este é um dos muitos equívocos dualistas que permeiam o mundo de vocês. Equipara-se autodesvalorização a humildade e bondade, e autovalor a orgulho e arrogância. Nada poderia estar mais distante da verdade. Porque quem conhece o próprio valor e o próprio poder, e respeita esse valor, não importa o que faça agora e não importa onde esteja agora, tem consideração pelos outros e valoriza os outros. Assim, não há

possibilidade de uma pessoa desvalorizar a si mesma e valorizar os outros, ou vice-versa. Esta é mais uma prova, como eu dizia, da ilusão de que vocês e os outros são separados. Tudo é um, tudo é um. São apenas palavras, mas se vocês refletirem profundamente nelas, nos termos do que falei nesta palestra, entenderão seu significado.

Bênçãos para todos vocês, meus muito queridos. Continuem prosseguindo em direção ao centro de luz da raça humana, ao seu ser mais íntimo, que é o ser mais íntimo de tudo que existe, que sempre existiu e sempre existirá. Alegria e bênçãos.

---

Os seguintes avisos constituem orientação para o uso do nome Pathwork® e do material de palestras:

Marca registrada/Marca de serviço

Pathwork® é uma marca de serviço registrada, de propriedade da Pathwork® Foundation e não pode ser usada sem a permissão expressa por escrito da Fundação.

Direito autoral

O direito autoral do material do Guia do Pathwork® é de propriedade exclusiva da Pathwork® Foundation. Essa palestra pode somente ser impressa para uso estritamente pessoal. De acordo com a Política de Marca Registrada, Marca de Serviço e Direito Autoral da Fundação, o texto não pode ser modificado ou abreviado de qualquer maneira, e tampouco podem ser retirados os avisos de direito autoral, marca registrada ou outros. Não é permitido sua comercialização.

Considera-se que as pessoas ou organizações, autorizadas a usar a marca de serviço ou o material sujeito a direito autoral da Pathwork® Foundation tenham concordado em cumprir a Política de Marca Registrada, Marca de Serviço e Direito Autoral da Fundação.

O nome Pathwork® pode ser utilizado exclusivamente pelas regionais autorizadas pela Pathwork® Foundation.